

PANDEMIA DA COVID19 E PÓS-GRADUAÇÃO:
Resultados de pesquisa realizada entre discentes do CPDA

Alice Lamounier Marques

Danilo Augusto Ricco

Isaura Bredariol

Jennifer Harumi Tanaka

Lorena Lira

Luiza Antunes Dantas de Oliveira

Mariana Homem de Mello Reinach

Revisão:

Mônica Carneiro

Rio de Janeiro

Abril, 2020

ÍNDICE

1. Introdução

2. Resultados

2.1 Características Gerais

2.2 Impactos financeiros resultantes do isolamento social

2.3 Saúde psicológica e bem-estar

2.4 O trabalho acadêmico durante a pandemia

3. Considerações finais

Anexo

1. INTRODUÇÃO

No dia 13 de março de 2020, data em que a transmissão comunitária de coronavírus foi confirmada no Rio de Janeiro, as atividades de ensino no CPDA foram temporariamente suspensas por motivo de precaução contra sua disseminação. A partir de 23 de março a UFRRJ suspendeu as atividades acadêmicas por tempo indeterminado. Diante dessa nova conjuntura, as/os discentes do CPDA se reuniram em assembleias virtuais nos dias 30 de março e 06 de abril para debater dificuldades e propostas sobre o semestre, percebendo a necessidade de compreender mais concretamente as diferentes condições dos discentes neste momento de isolamento. Foi criado um grupo com representantes de cada turma para mapear vulnerabilidades relacionadas à pandemia de Covid-19 entre discentes, abrangendo tanto questões de saúde e condições de vida, como dificuldades para o desenvolvimento das pesquisas na atual conjuntura.

Com base na experiência da pesquisa "Saúde psíquica e Pós-graduação: resultados de pesquisa realizada entre discentes do CPDA", realizada entre discentes do CPDA em março de 2019, um formulário (*Google*) foi elaborado coletivamente e enviado através da lista de e-mails de alunos e grupos de *WhatsApp*. As respostas foram coletadas entre os dias 3 e 9 de abril, com um intervalo no dia 6 para a apresentação de resultados parciais na segunda assembleia discente.

Dada a excepcionalidade do momento histórico que vivemos, optamos, à semelhança de algumas das perguntas do questionário de saúde mental, por utilizar, no caso não algumas, mas uma série questões abertas. Porém, a tentativa de traduzir esse universo de respostas para um relatório descritivo se mostrou impossível. Dessa forma, apesar da riqueza em termos de percepções, sentimentos e emoções que foram captadas por esse recurso, consideramos que isso gerou um volume enorme de trabalho, que foi respondido por nós, como pode ser observado ao longo deste mapeamento, com criações de categorias na tentativa de organizar grupos de respostas. Como aprendizado para questionários e mapeamentos futuros, registramos aqui a nossa sugestão de mesclar o máximo possível entre perguntas fechadas e abertas no sentido de tentar captar, o mais fielmente possível, as avaliações dos entrevistados.

Este mapeamento é fruto da análise de 8 estudantes que se dispuseram a elaborar o questionário e posteriormente escrever as suas considerações à 64 respostas recebidas. A análise de dados foi realizada inicialmente em duas duplas e um trio, e depois os resultados foram então revisados por todo o grupo.

Esse foi um grande esforço que se deu em um curto período de tempo e sob as condições do isolamento social, e suas limitações em relação à qualidade da escrita, padronização da forma e extensão do texto, nós sabemos, são notórias. Contudo, esperamos que esse seja um passo inicial para pensarmos a diversidade de vivências que cada um/a de nós discentes passamos e temos passado durante esse período tão extraordinário de uma pandemia global. O conteúdo e o teor deste mapeamento são profundamente sensíveis e particulares, o que tornou e torna esse trabalho, ao mesmo tempo, essencial e desafiador.

Esperamos que a análise dos resultados obtidos auxilie toda a comunidade do CPDA a ter clareza sobre as principais problemáticas enfrentadas pelo nosso corpo discente, dando voz a demandas coletivas e particulares. Para nós, o distanciamento social não deve significar atomização e isolamento, pelo contrário. Buscamos criar uma rede de solidariedade que nos fortaleça e que facilite a reflexão conjunta para, junto a docentes e coordenação do Programa, encontrarmos soluções bem direcionadas neste contexto tão desafiador.

2. RESULTADOS

Esta seção está dividida em quatro partes. Uma primeira parte inclui uma caracterização do perfil dos/as estudantes que participaram da pesquisa, relacionada com gênero, raça, idade, fonte de renda, características do curso e lugar de moradia. A segunda seção é dedicada aos impactos financeiros resultantes da quarentena e do isolamento, contendo um subitem com as demandas desse caráter à coordenação. Em seguida, são apresentados os resultados sobre o estado de saúde psicológica e bem estar durante o isolamento, com algumas propostas nesse sentido para o corpo discente no subitem. Por fim, na quarta parte, as questões relacionadas às condições de continuidade do trabalho acadêmico durante a pandemia. O questionário foi enviado por e-mail e divulgado nos grupos de *Whatsapp* dos estudantes, de modo que a adesão à pesquisa era livre e voluntária. Havia a opção de respondê-la anonimamente, o que foi feito por 31 participantes. O modelo do questionário encontra-se em anexo.

2.1 Características gerais

A pesquisa foi respondida por 64 estudantes do CPDA¹. Os dados em relação ao perfil dos entrevistados estão apresentados na Tabela 1 e 2.

¹ Vale mencionar que pelas questões realizadas não é possível aferir se todos os estudantes encontram-se atualmente matriculados ou não, porém, pelo teor do questionamento, acredita-se que todos os respondentes possuem matrícula ativa no CPDA.

Tabela 1. Perfil dos entrevistados: gênero e raça/cor/etnia

Perfil	Branca		Pardo		Preto		Indígena		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Feminino	27	68%	8	67%	8	80%	1	50%	44	69%
Masculino	13	33%	4	33%	2	20%	1	50%	20	31%
TOTAL	40	63%	12	19%	10	16%	2	3%	64²	100%

Tabela 2. Perfil dos entrevistados em relação ao curso e ano de ingresso do CPDA

Curso	2016		2017		2018		2019		2020		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Mestrado	-	-	-	-	5	50%	9	47%	13	57%	27	42%
Doutorado	5	100%	7	100%	5	50%	10	53%	10	43%	37	58%
TOTAL	5	8%	7	11%	10	16%	19	30%	23	36%	64	100%

Dos participantes, 69% (44) são do gênero feminino, 31% (20) do masculino e nenhum declarou outro gênero. Em relação à composição étnica dos participantes, 63% (40) se declaram brancos, 19% (12) pardos, 16% (10) pretos e 3% (2) são indígenas. Com destaque para o fato de, entre os entrevistados que se declaram pretos, 80% são mulheres.

Dentre os entrevistados, 42% (27) são do curso de mestrado, enquanto 58% (37) doutorado. Mais do que a metade das respostas (66%) foi de pessoas das turmas que ingressaram entres os anos de 2020 e 2019. Ademais, vale mencionar que todas as respostas de ingressantes dos anos de 2016 e 2017 foram de estudantes do doutorado.

De acordo com as informações da pesquisa, apresentadas na Tabela 3, 73% (47) dos participantes recebem bolsa. Outras fontes de renda se referem ao trabalho no setor público, que correspondeu à 16% (10) dos entrevistados, aos serviços autônomos e informais 14% (9) e/ou no setor privado 5% (3).

2 Em um universo de 137 alunos matriculados.

Tabela 3. Perfil de fonte de renda dos entrevistados

Fonte de renda	n	% ³
Recebe bolsa⁴	47	73
Trabalha no setor público	10	16
Informal/autônomo	9	14
Trabalha no setor privado	3	5
Está afastada/o do trabalho com remuneração	2	3

Entre os/as entrevistados, 58% são residentes no estado do Rio de Janeiro, seja da cidade do Rio de Janeiro ou de outros municípios (Figura 1). Um quinto dos entrevistados, 13 participantes, têm que arcar com uma moradia no Rio de Janeiro exclusivamente para cursar a pós-graduação e 14% (9) dos/as estudantes retornaram às suas cidades de origem durante o período de quarentena⁵.

³Nesta resposta cada participante poderia escolher mais de uma opção. A porcentagem apresentada é referente ao número total de 64 entrevistados.

⁴ Três pessoas que responderam que a princípio receberiam bolsa, pois estariam aguardando a implementação, foram incluídas no grupo "recebe bolsas", uma vez que depois do formulário ser enviado foi informado pela coordenação que todas as bolsas que estavam previstas para a turma 2020 foram implementadas.

⁵ Consideramos necessário criar uma categoria "Outros" para abranger 5 respostas pouco específicas (7% do total), tais como: "Outra cidade / afastada", "Não moro no rio Sempre residi em Muriaé-MG", "Em outra cidade, porém, tinha me organizado para ir semanalmente às aulas do CPDA nesse semestre" e "Saí do Rio de Janeiro depois das disciplinas". Além disso, vale mencionar que uma pessoa desta categoria e uma pessoa da categoria "Morador/a do estado do Rio de Janeiro" sinalizaram que pretendem ir morar na cidade do Rio de Janeiro por causa da pós-graduação.

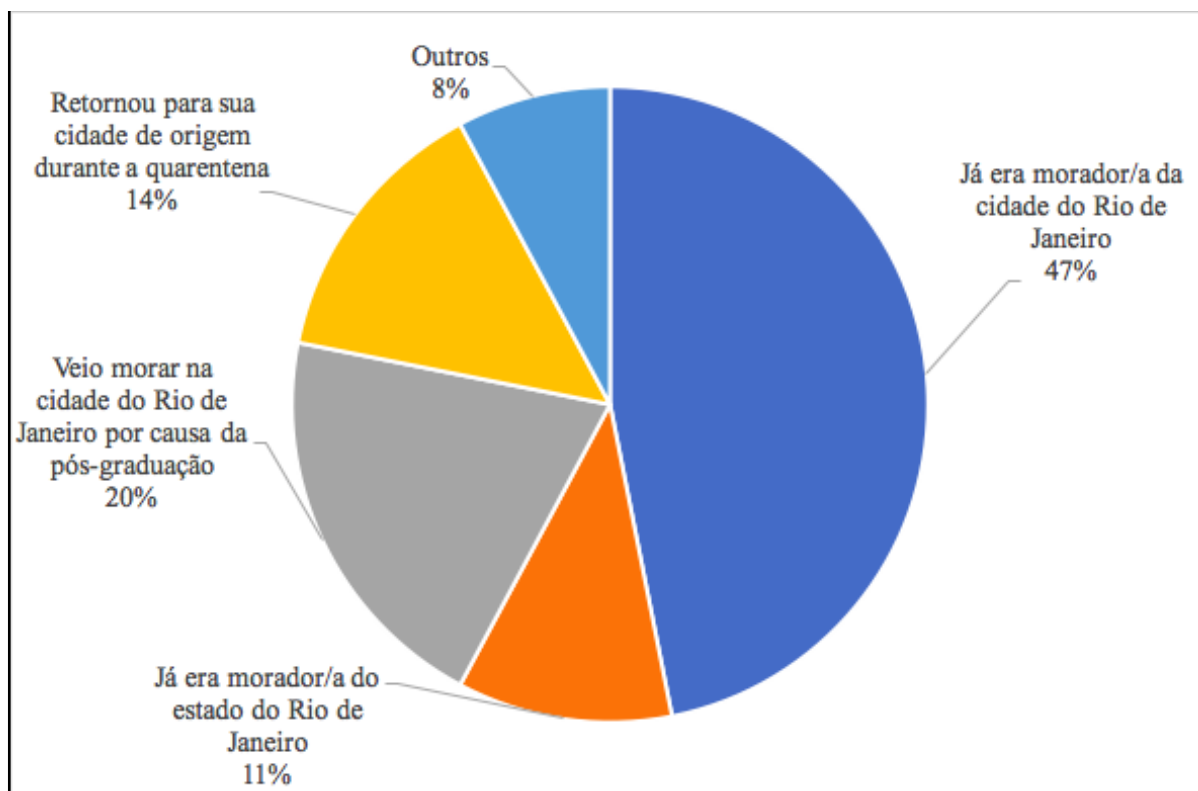


Figura 1. Representação gráfica dos percentuais de entrevistados em relação ao local de moradia atual

2.2 Impactos financeiros resultantes da quarentena e do isolamento social

O tema do impacto financeiro das medidas de isolamento social para a comunidade discente foi abordado, pelo formulário, na forma de uma questão aberta. Embora tal forma dificulte a sistematização dos dados de forma objetiva, ela permitiu que os/as discentes pudessem relatar brevemente a forma como vêm sendo impactados/as e as dificuldades que enfrentam neste sentido. Um esforço de traduzir os dados de forma objetiva, levou à seguinte tabela:

Tabela 4. Respostas à questão: "o isolamento social traz algum impacto financeiro importante na sua condição?"

Resposta	Número	%
Sim	26	41
Não	31	48
Sem resposta	7	11
TOTAL	64	100

No entanto, a reação dos/as discentes que responderam de forma positiva à questão colocada foi bastante diversa. No Quadro 1 foram sistematizados os principais motivos de impactos e inseguranças financeiras relatados pelos/as participantes, trazendo o número de respostas que indica cada um dos itens:

Quadro 1. Principais motivos relatados enquanto impactos financeiro do isolamento

SIM, o isolamento traz impactos		Quantos relatos?
Motivos	Possibilidade ou ameaça de redução de salário de servidores públicos, impactando parcialmente na renda familiar.	3 relatos
	Impacto pelo aumento dos gastos domésticos com comida, contas de gás/energia, serviços de entrega domiciliar. Considerando casos de famílias com crianças em idade escolar.	4 relatos
	Compromete parcialmente a renda. Impacto na continuidade de trabalhos de renda complementar à bolsa (aulas particulares, consultorias, freelas em projetos, etc.), havendo cancelamentos de compromissos do/a discente ou de outro adulto com quem divide gastos domésticos.	8 relatos
	Suspensão de atividades que, com o fim da bolsa de estudos, constituem a renda integral do/a discente.	3 relatos

As reações às respostas ilustram o quadro diverso de situações enfrentadas pelos/as discentes do CPDA no período da quarentena. No caso dos/as discentes que são servidores/as públicos/as, foram relatadas situações de ameaça de redução de salário, em face às investidas de desmonte do funcionalismo público e à ausência de normas protetivas à necessidade de

suspensão de trabalho devido à pandemia. Destacou-se também o impacto parcial devido ao aumento dos gastos domésticos (4 relatos).

A situação mais recorrente (8 relatos) é o impacto parcial devido à impossibilidade do trabalho em atividades que complementam a renda da bolsa, o que é agravado diante do cenário de aumento de despesas domésticas. Neste caso, considerou-se também as situações em que a bolsa de estudos torna-se, devido à quarentena, a única renda no contexto doméstico, como nos relatos abaixo:

Sim, pois só há uma fonte de renda na minha casa agora (4 adultos), que consiste na bolsa (incerta)”

“Sim. Pois meu companheiro é trabalhador informal, além de ser grupo de risco, e agora estamos só com a renda da bolsa, o que não dá conta: aluguel, alimentação, luz... “

Enquanto situação mais grave, há discentes para quem a quarentena compromete totalmente a possibilidade de obter renda (3 relatos), sendo que todos estes casos estão associados ao fim da bolsa.

2.2.1 Demanda de caráter financeiro para a coordenação:

O tema da demanda de caráter financeiro para apresentação à coordenação do Programa também foi objeto de questão aberta. A reação a este ponto não foi expressiva, havendo somente duas respostas. Uma delas destacou a necessidade de implementar Restaurante Universitário (“Bandejão”) e passagens, apresentando questões caras aos estudantes e que foram objeto de discussões e alguns encaminhamentos nos últimos anos, mas que não guardam relação direta com o período de quarentena, objetivo mais imediato do “mapeamento de vulnerabilidades” realizado. Uma segunda resposta, mais direcionada ao tema das vulnerabilidades relativas à pandemia, destacou a necessidade de prorrogação das bolsas e prazos de defesa.

2.3 Saúde psicológica e bem-estar

Quando perguntados/as sobre o diagnóstico de alguma questão de saúde mental, 21,8% dos/as entrevistados/as respondeu positivamente (Figura 2). Em metade desses casos (10,9% do total) trata-se de ansiedade. Grande número (18,8%) de entrevistados preferiu não responder, opção

que deixamos em aberto considerando a delicadeza do tema. Pouco mais da metade (59,4%) relatou não possuir nenhum diagnóstico relacionado à saúde mental.

Tem alguma questão de saúde mental diagnosticada?

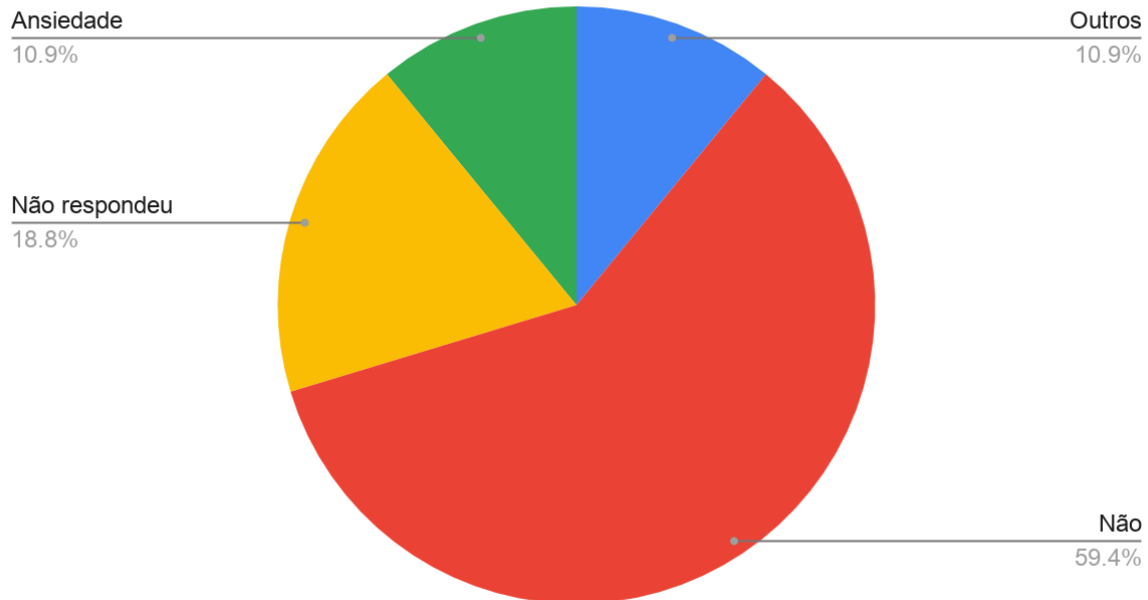


Figura 2. Representação gráfica dos percentuais de entrevistados em relação a diagnóstico de questões de saúde mental

É importante perceber, entretanto, que nem todos possuem acesso a ou buscam serviços de diagnóstico clínico, ainda que tenham alguma questão de saúde mental. Isso é reforçado na opinião expressa em uma das respostas:

“Ter um diagnóstico é algo bom. Embora não resuma o quadro de angústias e sofrimentos psíquicos que uma pessoa pode ter. Se tem sido difícil pra mim, que tive a possibilidade de um diagnóstico e acesso a algum tratamento, fico pensando nas pessoas que ainda não têm. Penso especialmente nos alunos novos, nos alunos que vieram de outras cidades ou Estados, nos alunos que enfrentam dificuldades financeiras, que se desdobram entre pós-graduação e trabalho, que sentem as dificuldades que a desigualdade impõe para quem chega no seletivo (e excludente) mundo da pós-graduação no Brasil.”

E também na pergunta seguinte, relativa ao contexto de quarentena, em que uma parcela bem maior (68,3%) confirma algum tipo de mal estar.

A pergunta “*Como você avalia que está a sua saúde física, mental e emocional nesse momento de quarentena?*” era discursiva, com a intenção de permitir que as/os estudantes se

expressassem e respondessem de forma mais livre seu sentimento. A convivência com, o aumento ou o aparecimento da sensação de ansiedade em virtude do isolamento foi apontado em diversas respostas. O fator instabilidade emocional e as oscilações de humor apareceram em uma parte considerável, o que nos levou criar o indicador “instável” na sistematização. Apenas uma resposta se referiu a um problema de saúde física (gripe). Dessa forma, transformamos os relatos em seis indicadores representados na Figura a seguir:

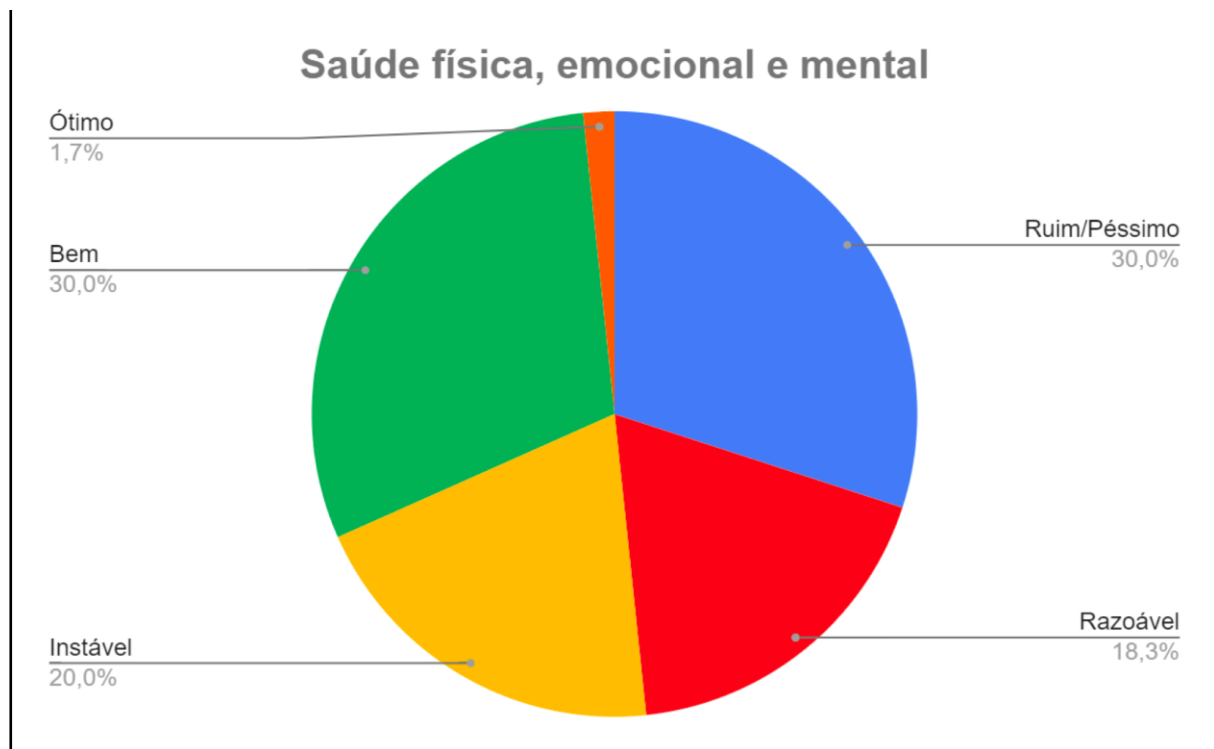


Figura 3. Representação gráfica dos percentuais de entrevistados em relação a saúde mental/emocional nesse momento de quarentena

A maioria dos/as entrevistados/as (68%) avalia negativamente sua saúde em alguma das três dimensões, emocional, física ou mental. Outros fatores salientados em mais de uma resposta foram: medo – de piora da saúde ou do futuro, dificuldade de fazer exercícios físicos ou consequências negativas dessa dificuldade, tensão e dificuldades de adaptação ou de estabelecimento de uma nova rotina.

2.3.1 Propostas sobre saúde psicológica e bem-estar para o corpo discente

Sobre as perguntas *Do ponto de vista da organização e comunicação entre discentes, você tem proposições?* e *Gostaria de contribuir de alguma forma?*, pouco mais da metade (59,4%) das respostas não apresentou contribuições. 21,9% indicaram de alguma forma a importância da

continuidade do trabalho que vem sendo feito. Dentre as que fizeram outras indicações (18,8%), foi possível extrair as seguintes propostas:

1. Debater proposições de autocuidado em assembleias;
2. Estimular maior engajamento discente;
3. Encaminhar contato com outras representações discentes de PPGs;
4. Organizar pequenos grupos/rodas de troca entre discentes;
5. Ampliar canais virtuais;
6. Lembrar de usar email nos assuntos mais importantes;
7. Descentralizar informações;
8. Criar canal de comunicação com participação de docentes para debater agendas estratégicas;
9. Realizar reuniões semanais.

A proposta de maior engajamento aparece como um desafio diante da minoria de respostas no sentido de se voluntariar a participar de forma ativa na amplificação do trabalho de organização discente. Entretanto, a pergunta é dúbia ao reservar o mesmo espaço de réplica para propostas e para vontade de participar, dificultando a interpretação das respostas. As propostas 1, 3 e 4 haviam sido levantadas nas últimas assembleias discentes. As propostas 5, 7, 8 e 9 podem ser detalhadas para serem colocadas em prática. O conjunto de propostas aponta para a continuidade da organização discente, com incremento da comunicação.

Metade dos entrevistados não respondeu à pergunta “*Há alguma atividade e/ou sugestão no que se refere a propostas de autocuidado dos estudantes e/ou cuidado coletivo das turmas de que gostaria de participar?*” ou declarou não ter interesse nesses recursos ou ainda não ter propostas. Grande parte das respostas positivas salientava a necessidade de socialização entre discentes para além da comunicação sobre questões acadêmicas e políticas. Oportunidades para conversar, para comunicar angústias, para minimizar a solidão e para dar apoio aos que estão desamparados ou distantes das famílias estão entre as justificativas para esses espaços. A seguir, uma síntese das propostas apresentadas nessa questão:

1. Rodas de cuidado no estilo das que ocorreram em 2019, adaptadas ao formato virtual;
2. Espaços de conversa e encontros virtuais;
3. Grupos de estudo;
4. Oficinas de uso de *softwares* úteis para as pesquisas;

5. Oficinas de escrita acadêmica;
6. Identificar e divulgar psicólogos e profissionais de saúde mental que estejam atendendo virtualmente;
7. Aplicação de Reiki à distância entre colegas;
8. Partilha de práticas de meditação;
9. Cartilha de autocuidado com orientações para acadêmicos em quarentena, a ser construída coletivamente.

Projeto Plantão Psicológico

Dentre as propostas sugeridas pelos/as discentes, foi colocada a demanda de assistência psicológica. Tal sugestão está contemplada pelo Projeto Plantão Psicológico, um canal de atendimento *on-line* promovido pelo Curso de Psicologia da UFRRJ. Mais informações disponíveis no endereço:

<http://portal.ufrj.br/projeto-plantao-psicologico-faz-atendimento-on-line-a-comunidade-ruralina/>

2.4 O trabalho acadêmico durante a pandemia



Figura 4. Representação gráfica dos percentuais de entrevistados em relação aos impactos da quarentena no trabalho em casa

Todos/as os 66 participantes responderam a essa pergunta. O aumento das tarefas domésticas implicou em uma interferência no ritmo dos estudos para 23% dos/as alunos/as. Entre as respostas, o maior tempo dedicado a familiares, à limpeza e à organização do espaço de residência foram as maiores interferências relatadas. 21,4% das/os alunas/os alegaram que o regime de quarentena reduziu a capacidade de concentração e 21,4% alegaram que condições de saúde mental (quadros de ansiedade, de preocupação e de angústia são os sintomas mais observados) atrapalham a plena execução do trabalho acadêmico em casa. Um pequeno número de participantes (8%) indicou que condições de infraestrutura da residência (disponibilidade de computador, ausência de cômodo exclusivo para estudo, divisão de cômodos com mais pessoas e ausência de cadeiras e mesas adequadas para estudo) interferem e/ou impossibilitam a realização do trabalho acadêmico, e apenas 8,9% das/os alunas/os indicaram que o regime de quarentena não interfere ou interfere bem pouco no ritmo dos estudos em casa. 5,4% dos/as alunos/as indicaram que problemas financeiros, ligados à perda de trabalhos informais ou ao aumento da despesa com supermercado e conta de luz, impactaram o trabalho em casa e 5,4% dos/as alunos/as indicaram que, após o início da quarentena, o trabalho acadêmico foi totalmente interrompido. 1,8% dos/as alunos/as indicou que o regime de isolamento impactou muito o trabalho em casa, sem justificativas específicas.

Pelos resultados obtidos, observa-se que, em relação à execução do trabalho acadêmico realizado em casa, 82,1% das/os alunas/os apontam que o regime de quarentena impactou negativamente a continuidade do trabalho em casa. É importante também destacar que, dentre as respostas obtidas, 42,8% indicam que as interferências são relativas a alteração no quadro de saúde mental e capacidade de concentração. Merece destaque também a presença de alunas/os que precisaram interromper integralmente suas atividades em função do isolamento (5,4%).



Figura 5. Representação gráfica dos percentuais de entrevistados em relação a demandas a mais por conta da quarentena

No que diz respeito ao trabalho de cuidado, 27,3% dos estudantes do CPDA se viram com aumento de demandas familiares por conta da quarentena, como cuidado com filhos, crianças e idosos.

Quando perguntados em relação à continuidade das atividades acadêmicas no contexto da quarentena, os depoimentos revelaram diversos cenários. Para a maioria das alunas/nos, a continuidade dos estudos surge como uma demanda que gera sobrecarga no atual contexto vivido. Dessa maioria, 30,8% dos alunos declararam não conseguir dar andamento ao trabalho acadêmico no presente contexto, e 30,8% dos alunos alegaram que a continuidade do trabalho acadêmico gera preocupação, ansiedade e apreensão. A palavra “dispersão” e a expressão “dificuldade de concentração” foram utilizadas de maneira recorrente para exemplificar a dificuldade em dar continuidade plena às atividades. Além disso, nas respostas mais detalhadas, alguns/mas alunos/as apontaram que a possibilidade de perda da bolsa gera muitas dúvidas em relação à opinião da continuidade do semestre acadêmico. Houve também relatos que indicando que o contexto da quarentena gera desmotivação e falta de sentido para a continuidade do trabalho acadêmico.

Porção menos expressiva, parte das/os alunas/os indicaram que estão tranquilos, mas que a quarentena prejudicou atividades em andamento e previstas (as principais citações observadas foram em relação à ocorrência do trabalho de campo, uma vez que a maior parte deles ocorre em outras cidades/regiões, tornando difícil e/ou inviável a realização dos mesmos), ou ainda, indicaram o desejo de continuidade das atividades de maneira adaptada (sendo a realização de atividades remotas a mais citada das opções). Dessa última porção dos relatos, alunas/os

indicaram que a retomada dos estudos seria atualmente um estímulo para a continuidade dos estudos. Um número bem pequeno e pontual de alunos indicaram se sentir aliviados com a possibilidade de continuidade das atividades acadêmicas.

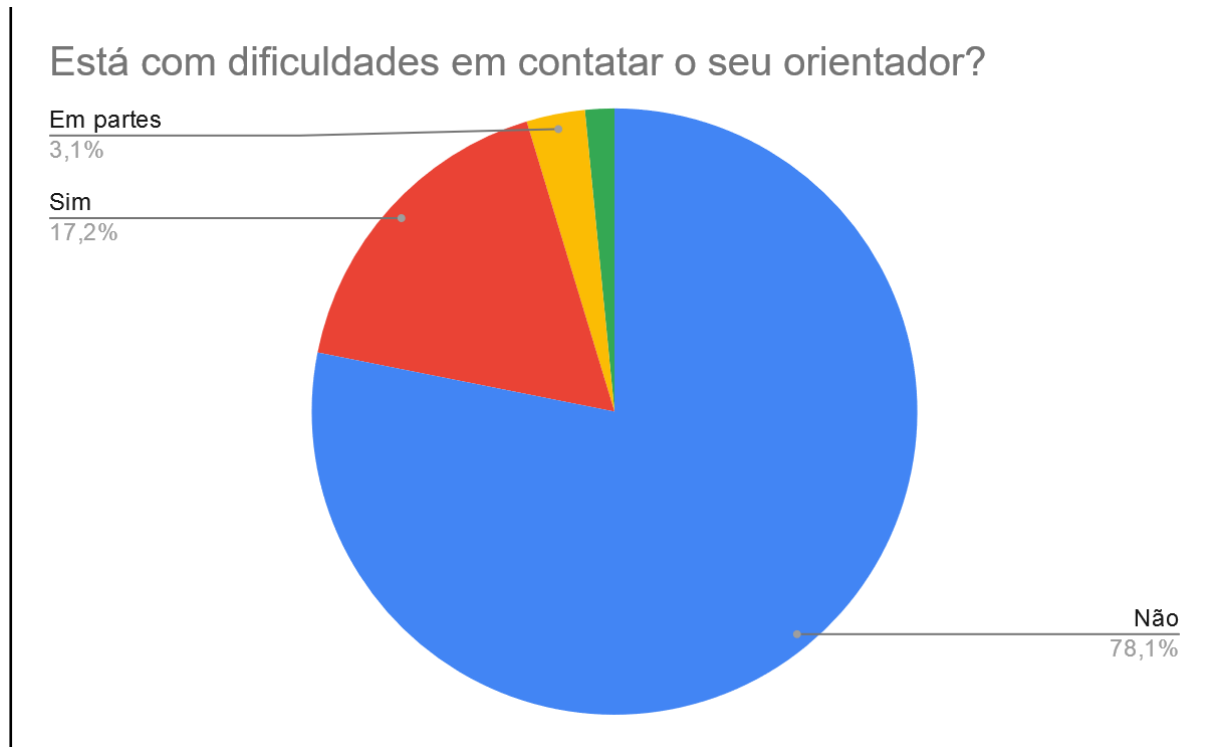


Figura 6. Representação gráfica dos percentuais de entrevistados/as que apontam dificuldades em contato seu/sua orientador/a

A grande maioria das/os entrevistadas/os respondeu que não está tendo dificuldades em entrar em contato com o orientador, porém não sem algumas observações. A maioria deles/as afirma que a quarentena acabou gerando problemas na orientação, como o fim de reuniões e distanciamento na relação aluno-orientador. Outra queixa comum é em relação a orientadores/as que se mantêm ativos na comunicação em seus grupos de pesquisa, porém acabam estando menos atentos a demandas individuais.

Em relação aos estudantes que dizem possuir dificuldades para contatar o/a orientador/a (17%), muitos alegam que as dificuldades já existiam desde antes do início da quarentena, algo que deve ser pautado junto aos professores e à Coordenação do CPDA, independentemente da situação atual de pandemia. Outros afirmam que a falta de contato data a partir do início da quarentena.

As respostas classificadas como “Em parte” são aquelas que afirmam possuir alguma alteração no contato, para pior ou não, mas sem maior clareza. Por fim, a fatia de cor verde corresponde a um entrevistado que respondeu não ter tentado contato com o orientador.

Como a quarentena impacta seu cronograma de trabalho

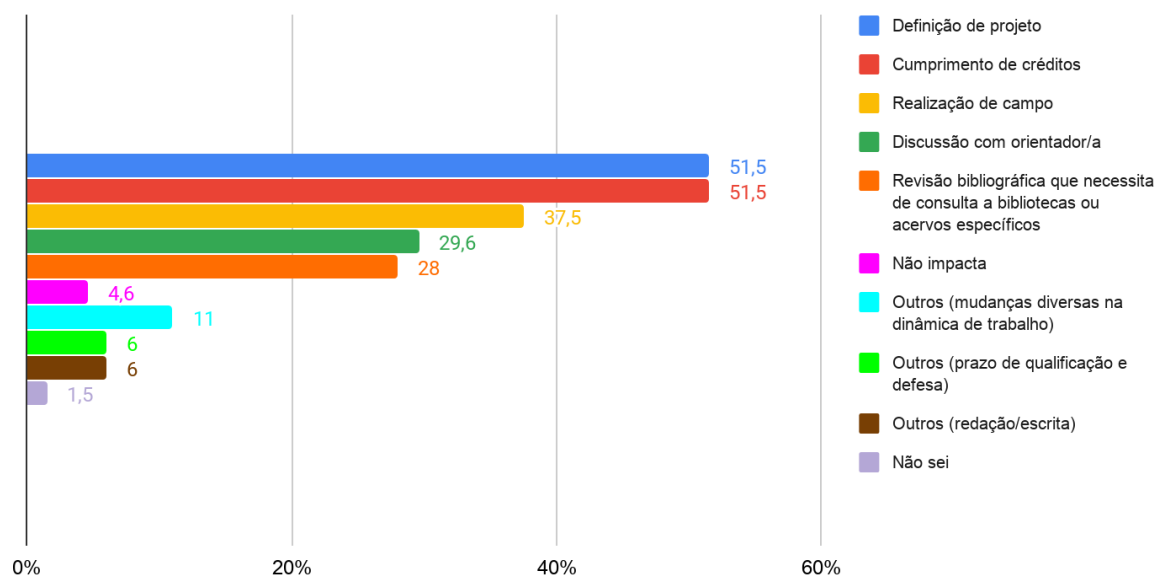


Figura 7. Representação gráfica dos percentuais de impactos no cronograma dos trabalhos de pesquisa

Na questão sobre impacto no cronograma do trabalho de pesquisa, havia seis alternativas fechadas, que podiam ser marcadas cumulativamente, e uma sétima (“Outros”) que ao ser assinalada indicava um campo aberto para destacar outras formas de impacto não contempladas nas alternativas. Nesta questão obtivemos o número máximo de retornos (64 respostas). Apenas 3 pessoas, 4,6%, não observam impactos em seu cronograma de pesquisa e 1 (1,5%), ainda não sabia dizer qual seria o impacto. Todas as outras assinalaram impactos diversos que alteram seu cronograma de pesquisa, apontando assim que dentro do universo de estudantes que responderam à pesquisa 94% avaliam que a quarentena traz algum tipo de impacto ao seu cronograma de trabalho.

Os maiores impactos observados, indicados por 51,5% dos entrevistados, isto é, 33 deles, estão no cumprimento de créditos e definição do projeto de pesquisa, para aquelas pessoas que provavelmente estão nos anos iniciais do curso e têm grande dificuldade de prosseguir no trabalho sem ter realizado as disciplinas necessárias. Em segundo lugar, 37,5% (24 entrevistados) indicam impactos na realização dos trabalhos de campo. Muitos/as colegas estão em fase de coleta de dados e tiveram de suspender suas idas à campo, sem prazo para conseguir

retornar. Em seguida vêm os impactos em relação à discussão com orientador/a, 29,6% e 19 respostas, e revisões bibliográficas que necessitam de consultas em bibliotecas ou acervos específicos que se encontram fechados durante a quarentena, nomeado por 28% dos entrevistados, 18 pessoas. Além disso, 4 pessoas relataram sentir o impacto diretamente na escrita, outras 4 nos seus prazos de qualificação e defesa e 5 citaram mudanças na dinâmica de trabalho causadas por impactos diversos (filhos em casa, sobrecarga informacional, problemas pessoais e emocionais).

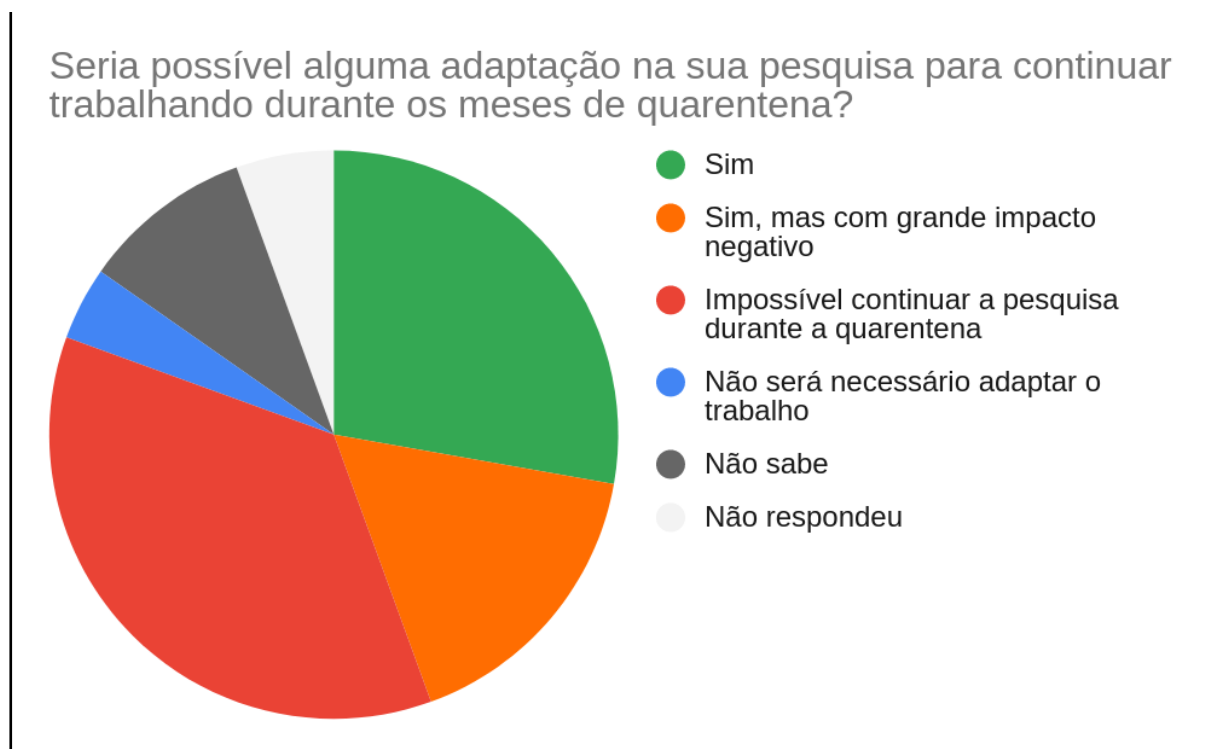


Figura 8. Representação gráfica dos percentuais sobre possibilidades de adaptação às pesquisas durante a quarentena

Considerando um cenário de três a quatro meses de isolamento social, 36% dos/as estudantes consideram impossível continuar suas pesquisas durante a quarentena, 16,7% consideram que é possível realizar adaptações, porém com impactos muito negativos para o desenvolvimento do trabalho e 23,6% consideram que é possível adaptar o trabalho para dar continuidade no atual contexto. Somente 4,2% consideram que a quarentena não impacta o trabalho e portanto não seriam necessárias adaptações. Apenas 4 participantes (5,6%) não responderam a essa pergunta e 9,7% não sabiam responder.

Daqueles 23,6% que consideram possível realizar adaptações em seus trabalhos para dar continuidade durante a quarentena (fatia verde da Figura 8), surgiram como sugestões:

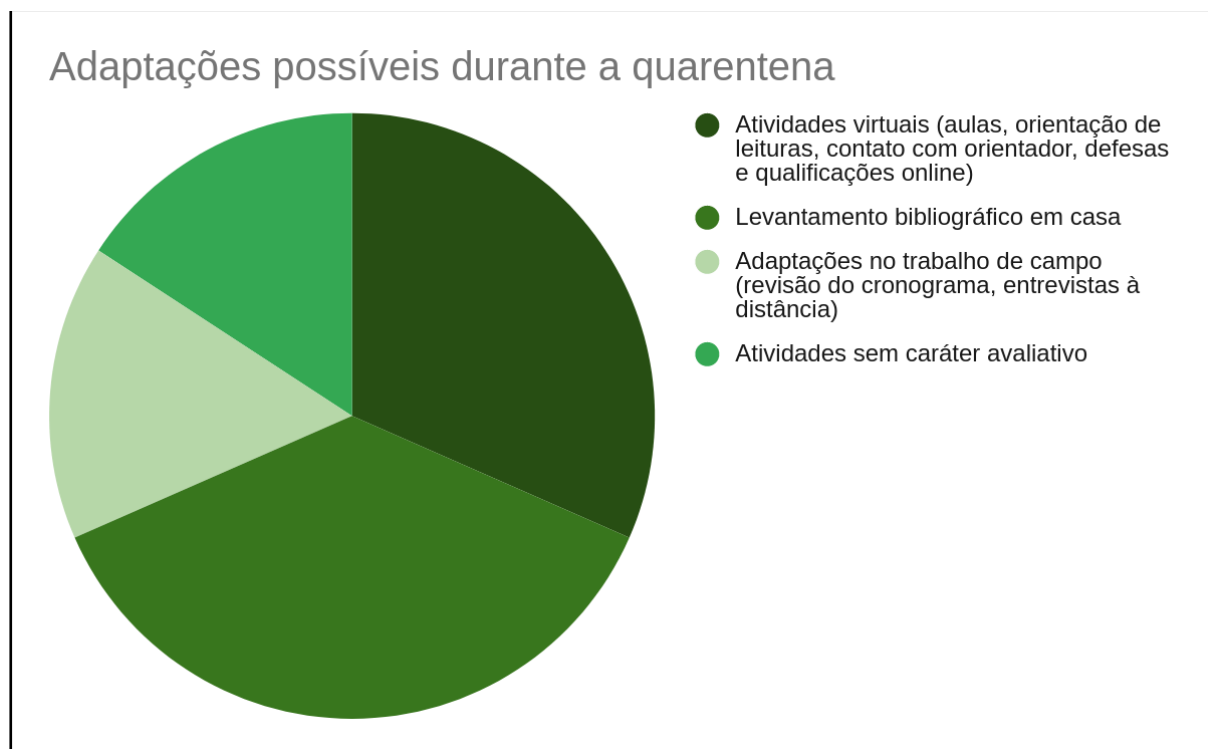


Figura 8.1 - Representação gráfica dos percentuais de adaptações consideradas possíveis durante a quarentena

Seis pessoas sugeriram atividades virtuais: orientação de leituras pelas/os professoras/es das disciplinas e orientadoras/es, aulas, grupos de estudo, reuniões de laboratórios e debates online, defesas e qualificações via videoconferência. Há ressalvas sobre a delicadeza da adoção de educação à distância (EAD) de forma adaptada, inclusive por suas implicações relativas à política educacional, mas também pondera-se que uma parada total nas atividades não seria saudável por um longo período. Nesse sentido, 3 pessoas sugeriram que atividades virtuais sem caráter avaliativo (grupos de estudo, laboratórios) poderiam ser oferecidas como forma de manter ativos/as os/as estudantes que tenham possibilidade e interesse.

Sete pessoas responderam que neste momento têm condições de trabalhar de casa, com levantamento bibliográfico ou processamento de dados do campo, necessitando apenas seguir com a orientação. Por fim, 3 pessoas também sugeriram possibilidades de adaptação em seus campos, como revisão do cronograma de campo ou realização de entrevistas online.

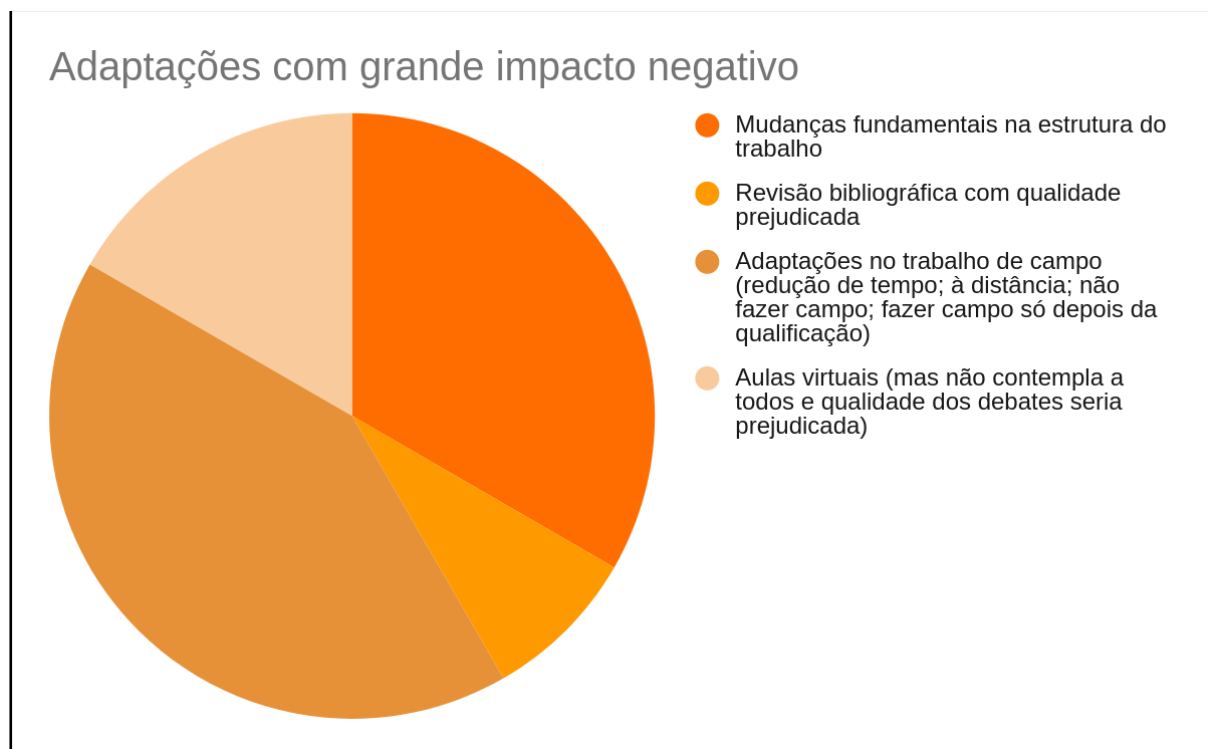


Figura 8.2 - Representação gráfica dos percentuais de adaptações consideradas com grande impacto negativo

Daqueles 16,7% que consideram que é possível realizar adaptações, porém com impactos negativos para o desenvolvimento do trabalho (fatia laranja do gráfico da Figura 8), 4 pessoas afirmam que seria necessário realizar mudanças fundamentais na estrutura da pesquisa - mudanças na proposta metodológica; redução do objeto da tese; qualificação apenas com revisão bibliográfica (sem a ida ao campo que estava prevista); finalização do texto de qualificação (mas atualmente sem possibilidade de apresentação pois ainda restavam créditos a serem cumpridos no semestre 2020.1). Uma pessoa considera possível trabalhar com revisão bibliográfica, mas cuja qualidade seria atravessada pelos efeitos da pandemia.

Cinco pessoas se mostram bastante preocupadas com a possibilidade de precisarem fazer adaptações drásticas em seus trabalhos de campo. Uma pessoa considera que entrevistas por telefone seriam possíveis, mas o trabalho perderia a qualidade “de modo abismal” sem a observação *in loco*; outra pessoa considera “no pior cenário” abandonar o campo e fazer um trabalho exclusivamente teórico; outras consideram muito prejudicial que o campo fique para depois da qualificação.

Por fim, 2 pessoas afirmam que seria possível realizar as disciplinas de forma virtual, com a ressalva de que haveria grande perda de qualidade nas discussões e na troca entre estudantes e

professores. Além disso, seria essencial que essas aulas contemplassem todos/as os/as estudantes, portanto há necessidade de verificar condições de acesso para todos/as.



Figura 8.3 - Representação gráfica dos percentuais de adaptações consideradas possíveis somente depois da quarentena

Ao todo, 26 pessoas (ou 36% - fatia vermelha do gráfico da Figura 8), responderam ser impossível dar continuidade às suas pesquisas durante a quarentena. Dentre elas, 9 pessoas não apresentaram propostas de adaptação, mas indicaram suas dificuldades nesse período: impossibilidade de iniciar o campo, com a parte teórica já encaminhada; aumento da demanda de trabalho em *home office* para complementar a renda (aulas particulares); impossibilidade de dar início à pesquisa sem realização de nenhuma disciplina (turma de 2020).

Ainda, 2 pessoas sugeriram a reposição desse semestre durante as férias, com disciplinas condensadas (uma delas afirma que não tem possibilidade de fazer o doutorado em quatro anos e meio). 10 pessoas sugeriram a suspensão ou prorrogação/flexibilização dos prazos de qualificação e de defesa, necessariamente com a extensão da vigência das bolsas (pois o atraso em um semestre significa o extrapolamento dos prazos). Há presente nessas respostas: a preocupação com a suspensão das bolsas junto a uma possível suspensão do semestre; a afirmação de que a maioria está enfrentando dificuldades na escrita por conta do contexto; e considerações sobre a necessidade da criação de um ambiente com menos pressão e mais acolhedor nesse momento. Uma pessoa sugere a redução ou formas alternativas para cumprir

os créditos, além de reivindicar também a prorrogação do prazo de vigência da bolsa junto aos órgãos de fomento.

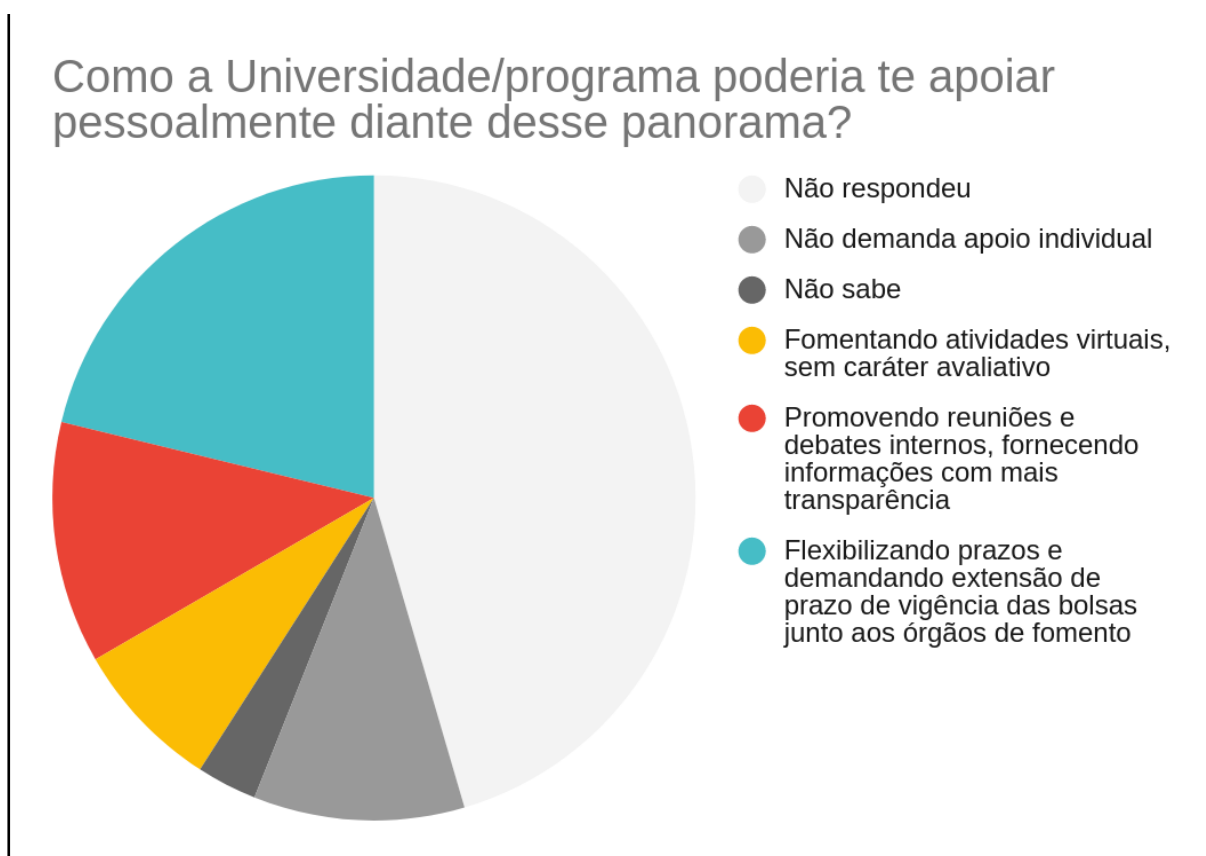


Figura 9. Representação gráfica dos percentuais sobre como a UFRRJ e o CPDA poderiam apoiar pessoalmente aos discentes diante desse panorama

Essa pergunta teve baixo índice de respostas (foram recebidas 36 respostas de 64, ou seja, 45,5% não responderam a questão). Além disso, 7 pessoas responderam que não tinham demandas por apoio individual (mas sim coletivo), ou que já estavam satisfeitas com as ações da coordenação, e 2 pessoas responderam que não sabiam. Cinco pessoas sugeriram que a Universidade/Programa apoiaria os estudantes se fomentasse atividades virtuais, sem caráter avaliativo, como forma de manter os/as estudantes ativos/as, reduzir os efeitos do isolamento e ajudar na pesquisa bibliográfica e na escrita através de grupos de discussão.

Outras oito pessoas sugeriram que a Universidade/programa poderia facilitar a comunicação interna, através da promoção e estímulo a espaços coletivos de reflexão conjunta, para que docentes, discentes e funcionárias/os pensem juntos como enfrentar essa situação da melhor forma possível (em termos de cuidado mútuo, produtividade, prazos, etc). Assim, todos/as se sentiriam menos isolados/as e saberiam lidar melhor com a pressão, angústia e incertezas.

Quatorze pessoas sugerem que a Universidade/Programa deve formalmente flexibilizar os prazos (seja com a ampliação/extensão/suspensão/prorrogação/adaptação dos prazos ou com a suspensão do semestre) e fornecer orientações sobre um novo calendário acadêmico, uma vez que “quarentena não é férias” e não há possibilidade de seguir com as atividades normalmente. Segundo essas pessoas, os novos prazos devem ser respeitados e não deve ser cobrada produtividade nesse período. Além disso, consideram que a Universidade/Programa deveria agir desde já junto à CAPES, CNPq e FAPERJ para demandar a extensão da vigência de todas as bolsas.

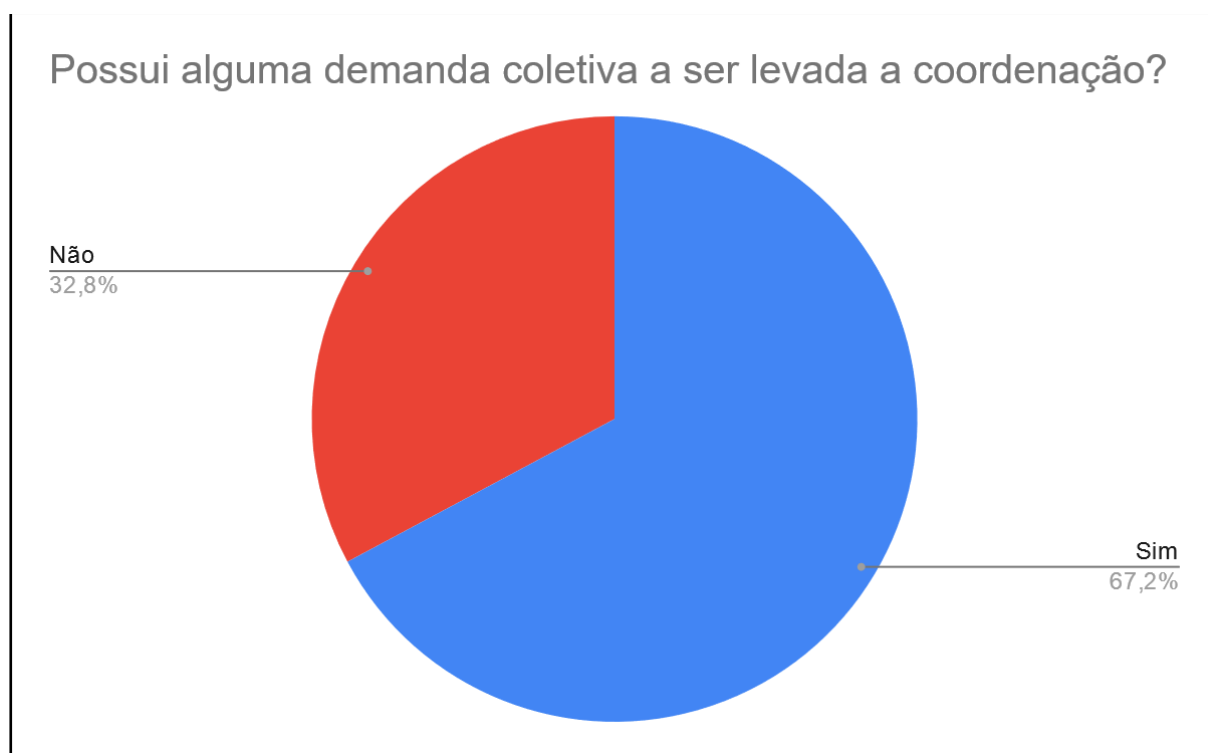


Figura 10. Representação gráfica dos percentuais sobre demandas coletivas a serem levadas à coordenação

Em relação às demandas de caráter coletivo que poderiam ser levadas à Coordenação e à Secretaria Acadêmica, 43 respostas apresentavam questões, enquanto 21 não opinaram ou não possuíam alguma demanda.

Com objetivo de analisar as demandas, dividimos as respostas em cinco categorias, representadas a seguir:



Figura 11. Representação gráfica dos percentuais das demandas apresentadas

Ao analisar cada uma das categorias temos alguns comentários. O primeiro diz respeito ao andamento das atividades acadêmicas, que é o pedido para a extensão de prazos. Isso fica ainda mais latente quando analisamos as respostas dadas por ingressantes do ano de 2016: todas as 5 respostas apresentavam a extensão dos prazos como demanda. A turma de doutorado do ano de 2019 também apresenta demanda em relação a prazos, em especial aqueles relativos aos créditos, já que estes tiveram interrompido o terceiro semestre do curso.

Quando analisamos as respostas em relação às bolsas vemos uma continuidade de respostas já vistas anteriormente. Não só a preocupação em relação a continuidade das bolsas se apresenta, como também a preocupação pela possibilidade de sua prorrogação também aparece. O maior medo neste sentido vem do fato de que, invariavelmente, a maioria das teses e dissertações terá de ser defendida após o término de recebimento, e a prorrogação das bolsas parece incerta diante da conjuntura econômica e política. O medo de que uma suspensão ou cancelamento do semestre afete a continuidade do recebimento de ajuda financeira também está presente.

Quando o assunto foi apoio material ou psicológico, 14 respostas citaram o tema. A maioria delas eram de pessoas pedindo que maior apoio psicológico fosse oferecido, como indicação de grupos de apoio ou a realização de atividades com este fim. Por outro lado, as respostas que abordavam apoio material, financeiro ou não, eram de alunos preocupados com outros alunos

que são de fora da cidade do Rio de Janeiro. Por fim, na opção outros, as respostas tratavam de três temas principais: melhoria na comunicação, importância de sensibilidade da coordenação para não tratar a situação como normalidade e propondo discussões acerca da modalidade EAD. Os problemas de comunicação apresentados no início da quarentena e as informações desencontradas foram a maior fonte de descontentamento, como já visto anteriormente. Uma maior agilidade e uma melhor articulação entre a coordenação, professores e secretaria foram as principais sugestões. Algumas respostas sugeriram a realização de debates acerca da modalidade EAD e a conjuntura política na qual ela surge como opção, levando em conta o projeto político por trás dos agentes que a defendem.

Sobre os canais de comunicação com a coordenação e com secretaria acadêmica do CPDA, das 64 respostas dadas, 42 apresentavam alguma questão coletiva, enquanto 21 não apresentavam ou não opinaram acerca da questão.

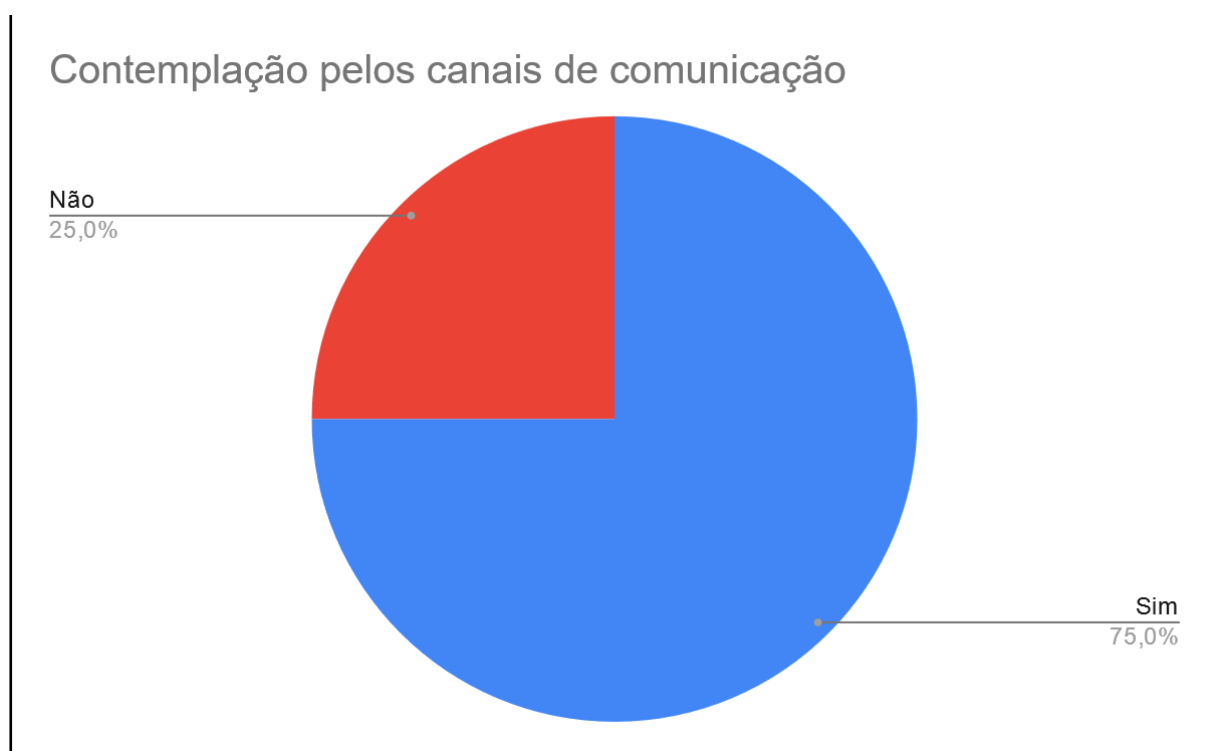


Figura 12. Representação gráfica dos percentuais em relação à satisfação discente pelos canais de comunicação com o Programa

A grande maioria das respostas negativas alegavam demora em receber respostas, mesmo que achasse o canal via e-mail adequado. Outro motivo para terem respondido negativamente à pergunta foi o fato de até o momento não terem os e-mails enviados às secretarias da coordenação ou acadêmica respondidos.

3. Considerações finais

A pesquisa contou com a participação de 64 discentes de mestrado e doutorado do CPDA, que responderam ao questionário online. Investigou aspectos referentes ao perfil destes estudantes, impactos financeiros, bem como repercussões na saúde psicológica e bem-estar destes com a instauração da quarentena no país e como forma de controle da transmissão da Covid-19. Está presente nas respostas a ideia de que é “um equívoco” considerar que as atividades do PPG estão normais e que “apenas” as aulas estão suspensas. É importante debater de forma mais ampla os assuntos que vêm à tona nesse contexto, como o ensino à distância na pós-graduação nesse “momento repleto de incertezas”. Os resultados obtidos apontaram também algumas demandas à coordenação do curso, no aspecto financeiro, e propostas para serem realizadas pelos próprio corpo discente, a fim de melhorar a saúde psicológica e bem-estar dos estudantes.

Para além dos dados descritos no item dos resultados, no presente tópico, trazemos algumas considerações da equipe sobre estes dados. São informações relevantes que foram obtidas a partir de uma reflexão crítica por parte das/os discentes que sistematizaram as respostas e debruçaram-se sobre o resultado do mapeamento.

A análise das respostas sobre a dimensão financeira demonstrou que 41% dos participantes da pesquisa relataram algum tipo de impacto negativo sobre os ganhos e/ou despesas domésticos devido à situação da quarentena. Tendo em vista as considerações de ordem metodológica feitas no início este relatório, optou-se por considerar as situações de incertezas enquanto afirmativas de impactos financeiros, admitindo-se que as ameaças também podem produzir efeitos, uma vez que trazem inseguranças em meio à situação de potencial aumento dos gastos domésticos. Tais situações são ilustradas, a título de exemplo, pelos seguintes relatos:

“Sim. Meus filhos estudam em escola integral. Ou seja fazem as refeições na escola além de outras atividades. Agora, além da escola, temos que arcar com os custos da alimentação diária em casa. Temos como servidores públicos sempre presente a ameaça de redução de salários. Por enquanto só ameaça..”

“Sim, mas um baixo impacto. Os salários serão reduzidos e os gastos com os filhos aumentam devido a maior demanda por atividades de lazer mais custosas.”

“Enquanto meu trabalho for mantido, não. Mas há possibilidade de rompimento de contrato e aí ficarei desempregada e sem nenhuma fonte de renda.”

“Não, mas o governo está tentando emplacar uma redução salarial.”

Merece destaque, em especial, o relato de três discentes, para os quais a quarentena compromete totalmente a possibilidade de obter renda. Considerando que são recorrentes os casos em que as defesas de dissertação e tese são realizadas após o prazo de duração das bolsas de estudos, é importante atentar para a gravidade destes casos. Dentre os participantes desta pesquisa, 16% (10) são discentes das turmas de Mestrado-2018 e Doutorado-2016, que estão em período de defesa e cujas bolsas acabaram.

Sobre demandas de caráter financeiro para a coordenação, somente uma consideração foi feita em atenção aos efeitos da quarentena, mencionando a necessidade de prorrogação de bolsas e prazos de defesa. Este ponto vem sendo discutido nas últimas assembleias discentes e reuniões, inclusive junto a docentes. No que pese ter sido objeto de somente uma resposta, a demanda foi levantada diversas vezes, em resposta às outras questões do mesmo formulário. Assim, resta evidenciado o caráter também financeiro desta solicitação, de modo coerente com o conjunto dos efeitos da pandemia sobre o cotidiano da pós-graduação.

Quanto aos indicadores de saúde e bem-estar, estes devem ser interpretados considerando a presença da "instabilidade" psicológica e emocional que aparece nas respostas coletas do início da quarentena. Pouco mais de 30% dos participantes considera estar bem na situação, mas é válido ressaltar que muito/as deles/as indicaram uma adaptação de seu critério de autoavaliação à conjuntura, como inferimos de frases como: “bem e sem preocupações, na medida das possibilidades”, “bem, na medida do possível”, “tudo certo, dentro do possível” e etc. Sentimentos de medo e de ansiedade marcam as respostas dessa sessão e merecem ser considerados na elaboração de soluções coletivas para a continuidade do trabalho acadêmico.

No que se refere à opinião das/os alunas/os sobre como se sentiam sobre a continuidade do trabalho acadêmico no contexto de quarentena, a pergunta contida no formulário dizia respeito à continuidade do trabalho acadêmico de maneira geral, e não em relação à continuidade do semestre letivo, especificamente. Entretanto, a interpretação da pergunta gerou respostas tanto sobre a continuidade dos estudos de forma autônoma (na própria residência), como também sobre a continuidade institucional do semestre, via plataformas virtuais e remotas, ou outras vias adaptadas ao regime de isolamento. Assim, observamos a existência de alunos que apontaram poder continuar realizando parcialmente as atividades de pesquisa, mas que ao mesmo tempo não se sentem capazes de dar continuidade ao semestre letivo, o que demandaria um esforço extra, nem sempre ajustável à atual realidade de todas/os alunas/os. Respostas

como: “não consigo dar andamento”, “não tenho conseguido dar continuidade” indicam que, por situações mais ou menos aproximadas, para a maior parte dos entrevistados, a continuidade do semestre de forma remota se apresenta como uma questão estressora para a comunidade discente.

Ao detalhar essa situação nas perguntas seguintes, tal situação ficou ainda mais clara. Em relação ao cronograma de pesquisa, pudemos perceber pelas respostas recebidas que a quarentena impacta principalmente, nessa ordem: 1) o cumprimento de créditos e a definição do projeto de pesquisa; 2) a realização dos trabalhos de campo; 3) a discussão com orientador/a; 4) revisões bibliográficas que necessitam de consultas em bibliotecas ou acervos específicos que se encontram fechados durante a quarentena. A partir do elenco destas respostas, é possível aferir que as/os estudantes mais afetadas/os em seus cronogramas são aquelas/es que se encontram na etapa inicial – ainda cumprindo créditos, ou no meio de suas pesquisas – definindo o projeto de pesquisa e se organizando para a execução do trabalho de campo.

É importante destacar que, por diferentes motivos, uma parte expressiva das/os estudantes (36% das respostas) considera impossível continuar suas pesquisas durante a quarentena. Estes citam que, além das dificuldades inerentes ao estágio atual das investigações em curso, o aumento das tarefas domésticas acarretou interferência na dinâmica dos estudos e da realização das atividades acadêmicas. Alguns relatos indicam que a rotina diária segue agitada, apesar da paralisação das aulas, e que para muitas/os houve aumento das responsabilidades com parentes próximos ou que vivem na mesma residência, bem como de demandas extraordinárias em *home office*. Alguns dos depoimentos indicam que, mesmo com a intenção e planejamento da execução das atividades, o contexto gera ansiedade e dificuldade de concentração:

“Não é possível produzir com regularidade nem com a qualidade esperada. O quadro geral é muito angustiante e isso reflete diretamente no trabalho. As incertezas, as pressões, os prazos agravam qualquer ansiedade, depressão, etc. Logo, ter concentração, foco, força de vontade se tornam tarefas hercúleas.”

De maneira um pouco menos expressiva, mas importante igual, questões de infraestrutura também foram apontadas como uma dificuldade à plena realização dos trabalhos acadêmicos, bem como preocupações oriundas de questões de ordem financeira. Nesse sentido, a análise dos dados permite concluir que a execução do trabalho acadêmico em casa provocou, para a maioria, impactos bastante negativos na plena execução do trabalho acadêmico.

Parte das/os estudantes considera possível realizar adaptações em seus trabalhos durante a quarentena, mas se mostram preocupados com a necessidade de realizar mudanças

fundamentais na estrutura das pesquisas ou fazer adaptações drásticas em suas propostas de trabalho de campo. As/os que consideram possível seguir com a pesquisa durante a quarentena são aquelas/es que se encontram em uma determinada etapa da pesquisa que pode sofrer relativamente menos impactos devido à pandemia e o isolamento social, bem como condições de vida razoáveis (financeira, psicológica e emocionalmente), contando, por exemplo, com boa estrutura da residência e com poucas demandas de tarefas domésticas com familiares, o que permite a continuidade do trabalho em suas casas. Porém, conforme percebemos ao longo de todo o relatório, essa é a realidade de apenas uma parcela do corpo discente. Ponderamos, portanto, que qualquer alternativa de adaptação para continuidade dos trabalhos na atual conjuntura, se adotada de forma padronizada ou indiscriminadamente, poderia lesar as pessoas que não se encontram em condições para dar continuidade aos seus trabalhos.

No que diz respeito à organização discente no contexto de isolamento, as respostas indicaram um desejo de maior comunicação, debate e acolhimento. Tanto a organização junto a representações discentes de outros programas de pós-graduação, como junto ao corpo docente e entre os próprios discentes do CPDA foram citadas. O uso de formas virtuais de troca foi proposto com diferentes propósitos, como autocuidado, apoio mútuo e suporte acadêmico.

Em resposta à como a Universidade ou a Coordenação do Programa poderiam auxiliar o corpo discente, a maior parte das/os participantes da presente pesquisa sugere que deve-se formalmente flexibilizar os prazos e fornecer orientações sobre um novo calendário acadêmico. Além disso, essas pessoas consideram que a Universidade/Programa deveria agir desde já junto à CAPES, CNPq e FAPERJ para demandar a extensão da vigência de todas as bolsas. Sabemos que o contexto político é extremamente desfavorável para este pleito, mas enquanto pesquisadoras/es, discentes e docentes, não podemos deixar de fazer pressão e de travar mais essa batalha em defesa da educação pública, da pesquisa e da ciência, que se encontram em vias de destruição em nosso país.

Também destacamos que muitas das angústias das/os estudantes se referem às dúvidas sobre o andamento do semestre, créditos, disciplinas e continuidade das bolsas. Nesse sentido, sugestões importantes para a Coordenação do CPDA são expressas pelos pedidos de facilitação da comunicação interna, através da promoção e estímulo a espaços coletivos de debate e reflexão conjunta. Os discentes apontaram, por exemplo, a necessidade de esclarecimentos sobre como o CPDA está visualizando esse período e quais esperam ser os ajustes para suas diferentes turmas, considerando as especificidades de cada uma delas, algo que felizmente

percebemos que já está em curso por parte da Coordenação. Outra demanda frequentemente encontrada nas respostas ao questionário diz respeito à importância da agilidade nas respostas de e-mails endereçados às secretarias e à Coordenação, algo que no período posterior à aplicação do questionário parece vir melhorando substancialmente. De toda forma, fica claro que nesse momento de tantas incertezas, a comunicação é peça chave em nosso apoio mútuo e pode sempre ser aprimorada coletivamente.

Ainda, alguns discentes consideram que as/os professoras/es do CPDA poderiam fomentar atividades virtuais, sem caráter avaliativo, como forma de manter o vínculo com os estudantes. Se, por um lado, a pressão produtivista é prejudicial, por outro, uma parada total nas atividades letivas por um longo período parece também produzir impactos negativos.

Além disso, cita-se a necessidade de criação de um ambiente acolhedor e com menos pressão em relação à produtividade acadêmica, bem como com apoio para a interlocução junto aos/as orientadores/as para auxiliar nas adaptações das propostas de pesquisa. É importante insistir que 17% dos entrevistados declararam enfrentar a dificuldade de contato com o orientador/a, isto é, ainda há muitos casos em que as/os estudantes enfrentam dificuldades (às vezes anteriores à quarentena) e vêem suas demandas individuais ignoradas, enquanto demandas coletivas são atendidas. Entendemos que as/os orientadoras/es também estão passando por dificuldades nesse momento, contudo aprimorar essa comunicação interpessoal é fundamental.

Em relação à formas de apoio mais individuais, vários estudantes sugerem que a Coordenação dê especial atenção àquelas/es alunas/os que tiveram de se mudar para a cidade do Rio de Janeiro e encontram-se em maior vulnerabilidade financeira e/ou psicológica. A indicação de canais de apoio psicológico, bem como a consulta sobre demandas de apoio financeiro poderiam ser de grande ajuda para essas pessoas.

Ademais, para nós parece ser válido também reconhecer que estamos em um momento intenso de nossa história, permeado por muitas mudanças. Essas, por sua vez, se dão de forma muito rápida. Tudo muda, e muda depressa. Isso para dizer, assim, que este tema se mostrou para nós sensível à passagem do tempo. No período entre o início do mês de abril, quando as primeiras pessoas responderam ao questionário, até a data da publicação deste relatório, reconhecemos e apontamos a possibilidade de que muitas opiniões possam ter se alterado. Podem ser nomeados como exemplos a implementação das bolsas que ocorreu nesse período, bem como um conjunto de reuniões entre coordenação e discentes e outras mensagens que foram enviadas nesse período, além do próprio avanço da pandemia, com o aumento expressivo do número de casos.

ANEXO - MODELO DO FORMULÁRIO

Nome (opcional)

Texto de resposta curta

Curso *

☐ Mestrado

☐ Doutorado

Qual turma / ano de ingresso? *

Texto de resposta curta

Gênero *

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outros...

Raça/cor/etnia *

☐ Preta

☐ Parda

☐ Branca

☐ Amarela

☐ Indígena

Tem alguma fonte de renda? *

- ☐ Recebe bolsa
- ☐ A princípio vai receber bolsa, mas ainda não foi implementada
- ☐ Trabalha no setor privado
- ☐ Trabalha no setor público
- ☐ Está afastada/o do trabalho com remuneração
- ☐ Informal/autônomo
- ☐ Outros

Onde mora no momento? *

- ☐ Veio morar na cidade do Rio de Janeiro por causa da pós-graduação
- ☐ Já era morador/a da cidade do Rio de Janeiro
- ☐ Retornou para sua cidade de origem durante a quarentena
- ☐ Outros...

Tem alguma questão de saúde mental diagnosticada?

Texto de resposta longa

Como você avalia que está a sua saúde física, mental e emocional nesse momento de quarentena?

Texto de resposta longa

Pensando na sua situação individual e familiar, como o regime de quarentena impacta seu trabalho em casa?

Texto de resposta longa

Você tem alguma demanda a mais por conta da quarentena? (ex. cuidado com filhos, idosos etc).

☐ Sim

☐ Não

O isolamento social traz algum impacto financeiro importante na sua condição?

Texto de resposta longa

Você apresenta alguma demanda de caráter financeiro, que particularmente deseja levar à Coordenação?

Texto de resposta longa

Sobre o trabalho de pesquisa

Como você se sente em relação à continuidade do trabalho acadêmico nesse novo contexto?

Texto de resposta longa

Você está tendo alguma dificuldade para entrar em/manter contato com seu Orientador?

Texto de resposta longa

Como a quarentena impacta o cronograma do seu trabalho de pesquisa? *

☐ Realização de campo

☐ Definição de projeto

☐ Cumprimento de créditos

☐ Discussão com orientador/a

☐ Revisão bibliográfica que necessita de consulta a bibliotecas ou acervos específicos

☐ Não impacta

☐ Outros...

Você considera que seria possível alguma adaptação para o trabalho, levando em conta uma perspectiva de 3 ou 4 meses de quarentena? Especifique o tipo de adaptação e impactos imaginados.

Texto de resposta longa

Como você imagina que a Universidade ou o programa poderia te apoiar pessoalmente diante desse panorama?

Texto de resposta longa

Enquanto integrante da sua turma e pensando coletivamente, existe alguma demanda que você acredita ser importante levar à Coordenação e Secretaria Acadêmica no que tange à condução do momento que estamos vivendo?

Texto de resposta longa

Sobre a organização coletiva

Você se sente contemplado com os canais de comunicação existentes com a Coordenação e/ou Secretaria Acadêmica do Programa? Caso negativo, o que poderia melhorar?

Texto de resposta longa

Do ponto de vista da organização e comunicação entre discentes, você tem proposições? Gostaria de contribuir de alguma forma?

Texto de resposta longa

Há alguma atividade e/ou sugestão no que se refere a propostas de autocuidado dos estudantes e/ou cuidado coletivo das turmas de que gostaria de participar?

Texto de resposta longa

Você apresenta alguma vulnerabilidade que não foi citada aqui e considera importante ser trazida para o mapeamento?

Texto de resposta longa
